

Os cruzeiros da freguesia de Lustosa (Lousada): do que era o que ficou.



Pontuando os caminhos e as encruzilhadas um pouco por todo o território, os cruzeiros são uma manifestação da devoção popular que o tempo, tanto quanto a incúria, foi obliterando da paisagem. O progresso, concretizado as mais das vezes como uma rutura, ainda que não intencional ou deliberada mas tão-somente negligente, com a memória coletiva e, por essa via, com o património de carácter mais popular, destruiu muitos dos cruzeiros da freguesia de Lustosa. É certo que novos foram erigidos no lugar dos velhos ou até em novas localizações, embora perdendo a memória do lugar. Este artigo visa, por isso, numa breve resenha, revelar o estado atual dos cruzeiros da freguesia de Lustosa e do que era, mostrar o que ficou para memória futura.

Texto e Fotografia

Manuel Nunes
Arqueólogo
manuel.nunes@cm-lousada.pt

Paulo Lemos
Arqueólogo
paplemos@gmail.com

Desde longa data que a cruz é utilizada como símbolo, mas também como elemento de tortura “applicada aos supplicios de malfiteiros por egypcios, carthaginezes, assyrios, persas, hebreus e gregos” (Bellino, 1900:270). No entanto, é com a apropriação da cruz pela tradição cristã, condensando na sua imagem a história da salvação e da paixão do Salvador, que a cruz se universaliza enriquecendo prodigiosamente a anterior significação e carga simbólica. Com efeito, no universo cristão, ela simboliza mais do que o Crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo ou a segunda pessoa da Trindade, ela identifica-se com a própria história humana, com o triunfo da vida sobre a morte, neste caso, através do suplício do Messias (Chevalier & Gheerbrant, 2010, p. 245).

Apesar de existirem diversos tipos de cruzes, a cruz do evangelho é a cruz latina. Mais alta que larga, com a haste a receber os braços transversais, mais curtos apenas no seu terço final, a cruz latina só cabe dentro de um retângulo e representa, concretamente, a silhueta do Crucificado (Feuillet, 2005, p. 49). Representando, aos olhos dos cristãos, o júbilo da vida, a cruz assumiu, ao longo dos séculos, um caráter purificador dos espaços de vivência, tanto de culto, como quotidianos. De resto, a prática de sacração de casas, fontes, caminhos, pontes, rochedos, etc., com recurso a cruzes ou motivos cruciformes fundamenta-se na teologia da redenção que encara a cruz como símbolo de resgate através do sacrifício de Cristo na cruz. É neste quadro que, acompanhando o progresso do Cristianismo, se assiste à expansão da cruz de significação cristã, isto é, de purificação dos lugares, de apropriação das realidades pagãs, de reposição da ordem cósmica ditada pelas leis do ideário cristão. Gravadas ou pintadas, desde cedo que as cruzes emergem na tridimensionalidade dos cruzeiros para assumir preponderância visual e simbólica na geografia das comunidades cristãs, sobretudo após o Concílio de Trento (1545-1563), quando o espírito popular da devoção

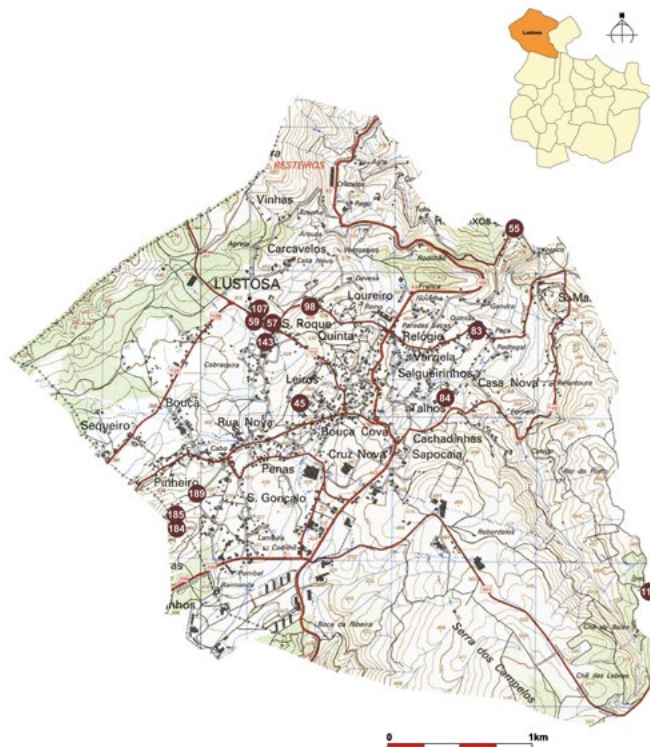


Figura 1 Localização dos cruzeiros identificados na freguesia de Lustosa. Excerto da Carta Militar de Portugal, IGE. Escala 1:25 000. Folhas n.ºs 98 e 99.

religiosa se arreigou com a afirmação pela Igreja da existência do Purgatório e da prática das Indulgências (Nunes & Lemos, 2013, pp. 85-86).

Na verdade, a história dos cruzeiros é complexa. Se como mo-

Figura 2a e 2b Foto e representação gráfica do cubo do Cruzeiro de Requeixos (LUS55) com a gravação 1673 A(nno D(omi)ni), isto é, “ano do Senhor de 1673”.

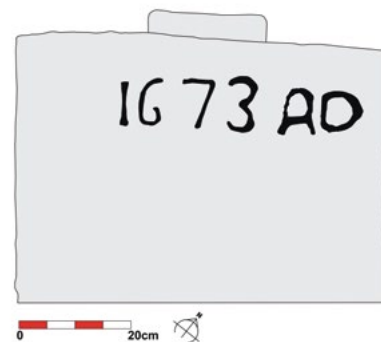




Figura 3
Perspetiva noroeste do
Cruzeiro Processional
de São Roque (LUS57).

numento religioso, o cruzeiro rapidamente apropriou o alto dos montes, os locais de antigos cultos ou práticas pagãs ligadas à natureza, mas também os adros das igrejas e das capelas ou ermidas, os cemitérios paroquiais¹, bem como os limites de paróquia², como monumento memorativo e evocativo, acabou por se multiplicar ao longo dos cruzamentos e bordaduras de caminhos, sempre em locais de maior passagem, lembrando desastres, mortes, epidemias, mas também vitórias (Almeida, 1968, p. 94).

Embora existam diversas tipologias de cruzeiros, a estrutura é relativamente padronizada e, no limite, um cruzeiro pode apenas ostentar a cruz (em pedra ou, mais raramente, em madeira ou metal) fincada num rochedo ou diretamente numa

plataforma pétrea. Ainda assim, comumente, os cruzeiros apresentam uma estrutura mais complexa, possuindo uma plataforma que pode ter dois, três, quatro ou mais degraus. “Além da plataforma, possuem ainda o pedestal, a coluna, o capitel e a cruz. O pedestal é composto pelo soco, dado (forma cúbica ou cilíndrica) e cornija, cabendo ao dado a primazia em termos de epígrafes ou demais elementos memorativos. A coluna, que encima o dado, é composta pelo fuste e capitel. O fuste pode ser diminuído ou pançudo, conforme o seu diâmetro, e ter forma cilíndrica lisa ou estriada. O capitel apresenta formas mais ou menos cônica, invertida ou não, podendo ser liso ou ostentar adornos. De entre as formas, predomina a troncopiramidal. A cruz pode apresentar feições muito diferentes: nodosa, cilíndrica ou florejada” (Vieira, 2004, p. 21).

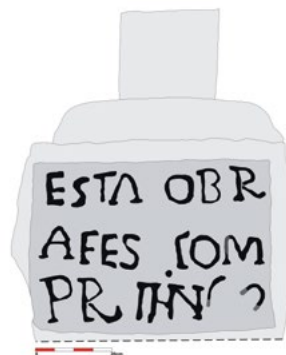
Apesar das crenças e devoções associadas aos cruzeiros, algumas das quais fixadas em lenda, na toponímia e até na arquitetura, Lustosa perdeu ao longo dos anos parte substancial deste património religioso (Nunes & Lemos, 2013, p. 87). Longe de ser uma exceção, esta situação configura uma realidade de longa data, conforme testemunhava Albano Bellino no início do século XX: “Em todas as povoações se erguia, n’outros tempos, a cruz, mais ou menos rica de arte, a avivar a origem da religião



Figura 4a e 4b
Foto e
representação
gráfica do cubo
do Cruzeiro da
Pereira (LUS83),
entretanto
desaparecido com
a inscrição ESTA
OBR / AFES COM
/ PRI [R?] HN [...],
isto é, “Esta obra
fez cumprir [?]...”

¹Os cruzeiros colocados no interior dos cemitérios paroquiais são relativamente recentes, de resto, como os próprios cemitérios, que, no geral, não recuam além do último quartel do século XIX. A sua colocação no interior destes espaços destina-se a lembrar aos vivos a piedade pelos mortos. Marca a passagem da Morte, não como tragédia e humilhação, mas esperança e triunfo (Chaves, 1932, p. 17).

²Os cruzeiros paroquiais tinham por finalidade assinalar os limites físicos da paróquia, constituindo padrões públicos por excelência e símbolos de jurisdição paroquial. Aliás, desde a Idade Média, que o âmbito territorial de uma igreja, capela ou ermida, em posse e gozo de sua jurisdição, foi demarcado por cruzeiros, que lhe estabeleceram limites definidos (Chaves, 1932, p. 14).



christã e o martírio de Jesus no Golgotha. Hoje as vereações portuguesas pensam na remoção dos cruzeiros como quem procura prover a uma necessidade urgente. (...) Essa guerra de extermínio, entre nós, por princípio algum se justifica” (Bellino, 1900, p. 272).

A abertura de novas vias, a construção civil, mas também o vandalismo e até a sua reutilização como material de construção, ditou o desaparecimento de muitos dos cruzeiros da freguesia de Lustosa. Dos 13 cruzeiros que a memória coletiva conserva no espaço daquele território apenas se quedavam 8 à data deste inventário. Dos cruzeiros que subsistem, quatro mantêm-se em relativo bom estado de conservação: Cruzeiro Processional de São Roque (LUS57), Cruzeiro do Cemitério (LUS143), o Cruzeiro de Talhos (LUS84) e o Cruzeiro da Rua de São Gonçalo (LUS189), este último erigido já no século XXI, em 2008 pela então Comissão de Festas (Nunes & Lemos, 2013, pp. 90-94). Os restantes 4 apresentam-se incompletos. O Cruzeiro da Cruz da Várzea (LUS45), entretanto substituído por um novo monumento em anos mais recentes, conserva apenas o *fuste*



Figura 5 e 6 Cruzeiro de Talhos (LUS84) e Cruzeiro do Cemitério (LUS143).

e o *capitel*, embora deslocado do local original; o Cruzeiro de Requeixos (LUS55) reduz-se ao *dado*, tal como como no caso do Cruzeiro de São Gonçalo 1 (LUS184) e do Cruzeiro de São Gonçalo 2 (LUS185), ambos desmantelados e reaproveitados

como bases dos pilares da *galilé* da Capela de São Gonçalo, um edifício Setecentista. De resto, os cruzeiros de São Gonçalo, recentemente ocultos pelas obras na envolvente que elevaram o nível do piso em torno da capela, revelaram-se particularmen-

Cód. Inv.	Nome	Localização		Estado	Cronologia
		Latitude	Longitude		
LUS45	Cruzeiro velho da Cruz da Várzea	41°19'56.2"	08°18'57.1"	Mau	Indeterminado
LUS55	Cruzeiro de Requeixos	41°20'36.5"	08°17'54.8"	Mau	1673
LUS57	Cruzeiro Processional de São Roque	41°20'13.5"	08°19'06.5"	Bom	Séc. XVIII/XIX
LUS59	Cruzeiro de São Roque (1)	41°20'14.9"	08°19'19.2"	Destruído	Indeterminado
LUS83	Cruzeiro da Pereira	41°20'12.3"	08°18'05.1"	Desaparecido	Séc. XVII
LUS84	Cruzeiro de Talhos	41°19'57.7"	08°18'14.1"	Bom	Séc. XVII/XVIII
LUS99	Cruzeiro da Cruz Vermelha	41°20'18.2"	08°18'53.6"	Destruído	Indeterminado
LUS107	Cruzeiro de São Roque (2)	41°20'15.6"	08°19'09.8"	Destruído	Indeterminado
LUS112	Cruzeiro da Ermida	41°19'12.5"	08°17'08.1"	Transladado	Indeterminado
LUS143	Cruzeiro do Cemitério	41°20'0.9"	08°19'08.3"	Bom	Séc. XIX/XX
LUS184	Cruzeiro de São Gonçalo (1)	41°19'30.1"	08°19'34.8"	Mau	Séc. XVII/XVIII
LUS185	Cruzeiro de São Gonçalo (2)	41°19'30.1"	08°19'34.8"	Mau	Séc. XVII/XVIII
LUS189	Cruzeiro da Rua de São Gonçalo	41°19'37.2"	08°19'26.2"	Bom	2008

Tabela 1 Cruzeiros inventariados na freguesia de Lustosa.



Figura 6 Foto dos cubos dos Cruzeiro de São Gonçalo (1 e 2) servindo de suporte aos pilares da galilé da Capela de São Gonçalo. A base do cruzeiro norte apresenta como inscrição: ESTA CRUSPO / ZERAO 3 DEVO / TOSAO [...], o que corresponde à seguinte leitura/transcrição: “Esta cruz puseram 3 devotos ao [...]”. O cubo localizado a sul apresenta como inteligível apenas uma pequena parte da inscrição: [...] DA BOV SA [...], que se lê como “[...] da Bouça”, presumivelmente associando a colocação do cruzeiro à Casa da Bouça.

te interessantes por apresentarem epígrafes em todas as faces visíveis dos respetivos dados o que possibilitou um vislumbre, ainda que incompleto, dos contextos em que foram erigidos (Nunes & Lemos, 2013, pp. 90-94).

Dos demais 5 cruzeiros existentes, 3 foram destruídos – Cruzeiro da Cruz Vermelha (LUS99), Cruzeiro de São Roque 1 (LUS59) e Cruzeiro de São Roque 2 (LUS107) – um outro, o Cruzeiro da Pereira (LUS83) do qual apenas subsistia o dado, foi furtado já depois do seu inventário –, e o último foi desmantelado e trasladado para fora do concelho – Cruzeiro Paroquial da Ermida (LUS12).

Apesar da maioria dos cruzeiros estudados na freguesia de Lustosa apresentar uma cronologia indeterminada, aqueles que foi possível datar são posteriores ao século XVII. De resto, é a partir dessa altura que, um pouco por toda a região, a sua frequência aumenta no seguimento do processo de recristianização das gentes rurais iniciado com Trento e que perdurará até à Contemporaneidade.

Bibliografia

- Almeida, C.A.F., 1968. *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação para a Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. (Policopiado).
- Bellino, A., 1900. *Archeologia Christã. Descrição Histórica de Todas as Igrejas, Capellas, Oratórios, Cruzeiros e outros Monumentos de Braga e Guimarães*. Lisboa: Empresa da História de Portugal.
- Chaves, L., 1932. Cruzeiros de Portugal. In *Revista Brotéria*. Vol. XIV (Separata). Lisboa.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A., 2010. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Feuillet, M., 2005. *Léxico dos Símbolos Cristãos*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Nunes, M. & Lemos, P., 2013. *Lustosa: Património e Identidade*. Lustosa. JF.
- Vieira, L., 2004. *Cruzeiros de Lousada*. Seminário em Ciências Históricas - Ramo Património. Porto: Universidade Portucalense (Policopiado).